

MEMÓRIA, POLÍTICA E IMAGINÁRIO NA VIDA E OBRA DE CYRO DOS ANJOS¹

Memory, political and imaginary in the life and work of Cyro dos Anjos

César Henrique de Queiroz Porto^(*)

Resumo

A obra de Cyro dos Anjos retrata com uma boa riqueza de detalhes aspectos do cotidiano da cidade de Montes Claros, especialmente na primeira parte do seu livro *A menina do sobrado*, intitulada *Explorações no tempo*. Essa obra revela uma série de imagens, discursos e representações evocadas na memória do autor. Nesse sentido, a proposta deste artigo é descortinar, a partir do texto citado, aspectos do imaginário da cidade acerca de acontecimentos locais e eventos importantes como a Primeira Guerra Mundial e a epidemia de gripe espanhola. Além disso, o texto objetiva identificar aspectos relacionados a importantes transformações vivenciadas pela cidade e sua população no período compreendido entre os anos de 1910 e 1923. Por fim, o artigo trata ainda dessa obra enquanto fonte para o entendimento da cultura política local no período em questão.

Palavras-chave: Cyro dos Anjos. Montes Claros. Representações.

Abstract

Cyro dos Anjos' work portrays aspects of everyday life in the city of Montes Claros with a good wealth of detail, especially in the first part of his book *A Menina do Sobrado* entitled *Explorações no Tempo*. This work reveals a series of images, speeches and representations evoked in the author's memory. In this sense, the purpose of this article is to unveil, from the cited text, aspects of the city's imaginary about local events and important events such as the First World War and the Spanish flu epidemic. In addition, the text aims to identify aspects related to important transformations experienced by the city and its population in the period between 1910 and 1923. Finally, the article also deals with this work as a source for understanding the local political culture in the period in question.

Keywords: Cyro dos Anjos. Montes Claros. Representations.

1 INTRODUÇÃO

Cyro dos Anjos nasceu em Montes Claros no dia 05 de outubro de 1906. Provinha de uma das mais importantes e tradicionais famílias da região norte do Estado de Minas Gerais. Pertencia a família dos Anjos/Versiani, que tinha um forte senso de apego ao lugar, pois vários de seus ancestrais foram protagonistas na vida social,

^(*) Professor na Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

E-mail: cesarqueirozporto@gmail.com

¹ Uma versão preliminar, bastante resumida deste texto foi publicada no **III Seminário Nacional de Pesquisa em História Social**, intitulado "História, margens e fronteiras", em 2019, na Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes.

política e cultural da região. Além disso, sua família era composta de importantes médicos, comerciantes e fazendeiros em Montes Claros e região.

Apesar dessa destacada tradição familiar, não se pode afirmar que o escritor era de família rica. Ele nos conta que o pai, um negociante e criador de gado, “ganhava apenas o suficiente para manter uma família grande em condições modestas e educar os dois filhos mais velhos no Rio, acentuando o planejamento cuidadoso do orçamento” (WIRTH, 1982, p. 119). Entretanto, mesmo a despeito de privações e limitações financeiras, o autor estudou e formou-se em Direito na capital mineira, embora, tenha exercido por pouco tempo a profissão de advogado.

O nome de Cyro dos Anjos ocupa posição de destaque no conjunto dos intelectuais da cidade. Ele foi o primeiro escritor natural de Montes Claros a ingressar na Academia Brasileira de Letras – o outro foi Darcy Ribeiro. Entretanto, o presente texto não visa apenas destacar a importante contribuição literária desse escritor. Seu propósito consiste antes de tudo em lançar mão de discussões acerca dos aspectos da vida e obra do autor na produção discursiva acerca do cotidiano de Montes Claros ao longo do período que corresponde às primeiras décadas do século XX, em especial os anos compreendidos entre 1910 e 1923 – período que corresponde à sua infância até completar os dezoito anos de idade, quando então deixa a cidade rumo a Belo Horizonte para dar sequência aos seus estudos².

Cyro dos Anjos exerceu a profissão de jornalista, foi professor, funcionário público, advogado e até mesmo diplomata. Na literatura, além de notável romancista, escreveu vários poemas, crônicas, ensaios e textos de natureza memorialística. Seu livro *Explorações no tempo* descortina uma série de representações sobre o cotidiano da cidade cuja população àquela época transbordava ansiedade na expectativa da chegada das novidades relacionadas com o mundo urbano e moderno. Vale dizer que a produção literária do autor contempla também uma grande quantidade de escritos jornalísticos, como, por exemplo, entrevistas, além de muitas correspondências. A respeito das cartas é importante considerar que durante muito tempo Cyro dos Anjos manteve uma extensa correspondência com Carlos Drummond de Andrade. O resultado de boa parte dessa produção foi organizado e publicado em 2012 por Wander Melo Miranda e Roberto

² Cyro dos Anjos chega a Belo Horizonte para frequentar os cursos preparatórios para o ingresso no curso de direito.

Said. Esse último material também nos oferece um bom registro de informações da política local, regional e nacional, entretanto não será trabalhado neste artigo³.

É importante destacar que sua trajetória de vida e obra está inserida em um período marcado por muitas transformações sociais e políticas, econômicas e culturais na cidade de Montes Claros e região. Perceber parcela da história de vida do escritor pode revelar importantes fragmentos da história local, nacional e internacional. Nesse sentido, podemos afirmar que Cyro dos Anjos presenciou importantes eventos da história contemporânea mundial, como, por exemplo, a primeira Grande Guerra Mundial e a epidemia da Gripe Espanhola. Em relação à história do Brasil, ele conhecia de perto o fenômeno político do mandonismo local, já que era filho de um coronel e importante chefe político municipal.

Para a confecção deste artigo⁴ recorreremos ao domínio da História Intelectual, em especial aos trabalhos de Helena Rodrigues da Silva e François Sirinelli. Sirinelli destaca que o terreno historiográfico da História Intelectual é marcado pelo diálogo entre as ciências humanas, pois, para ele, trata-se de um “campo aberto situado no cruzamento das Histórias Política, Social e Cultural” (SIRINELLI, 2003, p. 232).

Helena Rodrigues da Silva também aponta o caráter multidisciplinar da História Intelectual que se encontra situado na interseção de diferentes disciplinas, tais como história, filosofia e sociologia (SILVA, 2002, p. 12). Do ponto de vista metodológico, a autora chama a atenção para a importância de conectar as articulações internas, ou discursos, com as externas ou conjunturas. Para ela, essa história deve destacar “a obra em relação à formação social e cultural do seu autor ao espaço da produção e à conjuntura histórica” (SILVA, 2002, p. 12).

Ao longo do século XX, a historiografia passou a dialogar com outras disciplinas, como a literatura. Ambas são tentativas de compreensão de elementos de uma determinada realidade (SILVA, 2011). São campos do conhecimento que têm como matéria-prima o homem e sua trajetória ao longo de sua existência. O historiador municiado pelos recursos metodológicos próprios do seu campo é que vai transformar a literatura em uma grande aliada para as suas pesquisas.

A literatura se constitui como objeto privilegiado de pesquisa historiográfica na medida em que possibilita ao pesquisador problematizar elementos do contexto da obra

³ Esse material se constituirá em uma das fontes de um artigo que pretende dar prosseguimento a essa pesquisa.

⁴ Este texto é resultado parcial da pesquisa intitulada “**Pensamento e ação**: os intelectuais mineiros e os projetos para o Brasil”, financiada pela FAPEMIG (APQ – 00340-18).

e do autor, identificando aspectos da vida do indivíduo e do cotidiano da população. Por isso, deve-se estudar o texto em sintonia com o autor, com o período histórico e com as discussões abordadas.

A primeira parte do livro de Cyro dos Anjos *A menina do sobrado* – chamada de Explorações no tempo – constitui um precioso testemunho de um importante período da história da cidade, na medida em que traduz aspectos do imaginário coletivo local, principalmente por rememorar um contexto marcado por grandes eventos internacionais e nacionais, tais como a Primeira Grande Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, e a epidemia da gripe espanhola no Brasil e na região, no final do ano de 1918. Além disso, ao longo de várias páginas da obra, também descortina representações inscritas na memória coletiva da cidade, como a ideia e o imaginário do progresso materializada na ânsia com que boa parte da população aguardava pela chegada da grande novidade do transporte ferroviário.

A estrutura narrativa do livro se articula em torno dos fragmentos da memória do autor que fazem emergir representações do passado vividas por ele durante os anos que compõe a sua infância até o período em que decide mudar para Belo Horizonte em 1923, em busca da continuação dos seus estudos. Como ele relembra: “a memória é manhosa, tenho de negacear. Primeiro, reproduzo o painel, assim como vem a mente; depois, investigo pormenores, procuro restituir a pintura primitiva, removendo as finas pinceladas com que, sobre ela, o tempo compôs outros quadros” (ANJOS, 1963, p.13).

No período em que residiu em Montes Claros, o escritor também registrou em sua memória uma parcela da política local fazendo referências a um quadro político no qual fortes traços de uma cultura política impregnada por elementos do mandonismo e do coronelismo são apontados. Conforme já indicamos, o escritor provinha de uma importante família do município. Seu pai, o coronel Antônio dos Anjos, estava ligado a uma poderosa parentela que durante boa parte da Primeira República, entre 1889 e 1930, controlou a política municipal. Além de comerciante, também era criador de gado e chegou a ser eleito Agente Executivo pelo período de um quadriênio (1923 – 1926).

Nesse sentido é que quisemos investigar: essa obra do autor pode oferecer alguma contribuição acerca da cultura política local? Cyro dos Anjos teceu algum comentário ou fez alguma crítica ao universo político da cidade ao recapitular o período em que viveu em Montes Claros, ou seja, entre 1910 e 1923?

Diante do exposto acima, o artigo inicialmente vai abordar de que maneira o autor registrou em seu trabalho de memória eventos que marcaram o cotidiano de

“Santana do Rio Verde”, nome fictício de Montes Claros na obra. Como a população da cidade viu o primeiro grande conflito mundial? Qual foi o impacto da epidemia da Gripe Espanhola sobre a população? No segundo momento evidenciaremos, a partir dos seus comentários, aspectos diversos que marcaram o contexto político montes-clarense na época em questão. Identificamos que Cyro dos Anjos foi um observador arguto e perspicaz acerca da política municipal, pois, como dito acima, seu pai também foi um político que, apesar de estar ligado a uma ala do Partido Republicano do município, também transitava bem em relação aos seus adversários políticos.

Na parte final deste texto pretendemos mostrar que a cidade e sua população, de uma maneira geral, possuíam um imaginário social voltado para a ideia do progresso. No período em que residiu em Montes Claros, o escritor pôde registrar em sua memória os anseios do progresso que tomaram conta do povo e das elites, principalmente diante da chegada dos trilhos da ferrovia da Central do Brasil. Essa e outras novidades observadas na cidade serão objeto de análise ao longo deste artigo.

2 MONTES CLAROS NO CONTEXTO DA PRIMEIRA GRANDE GUERRA

O livro *Explorações no Tempo* pode ser considerado um registro memorialístico de Montes Claros, abarcando principalmente o período entre 1910 e 1923. Esse material histórico é um excepcional registro para se conhecer fragmentos do cotidiano de uma cidade sertaneja mineira, na medida em que desvela um rico imaginário carregado de representações sociais.

A vida social constrói bens simbólicos e durante a sua existência a sociedade é reproduzida também por meio de representações (CASTORIADIS, 1985). Cada sociedade elabora sua imagem do mundo natural, um conjunto “significante” para ordenação do seu universo coletivo. A construção dessa imagem depende da instância do imaginário. Os indivíduos de uma determinada sociedade estão ligados por um imaginário coletivo que se dissemina através das representações simbólicas (BACZKO, 1985).

Sendo assim, entendemos o imaginário como a instância organizadora da vida social e que compreende todos os produtos da imaginação, bem como o que é instituído socialmente (CASTORIADIS, 1985). Nessa dinâmica a linguagem do discurso é essencial para a articulação e reprodução dos imaginários de uma sociedade (BACZKO, 1985). Salientamos que o discurso se materializa em instâncias diversas da atividade

humana, tais como a produção artística e cultural. Nesse sentido, a literatura constitui um importante vetor da produção discursiva. Enquanto tal, ela revela uma expressiva parcela da memória coletiva de uma época, marcada por representações que dão visibilidade e “dizibilidade” a um imaginário social.

Como já foi dito, Cyro dos Anjos procedia de uma família importante na região, possuidora de estabelecimentos comerciais como loja e farmácia e ainda duas fazendas, além de uma chácara nos arredores da cidade – apesar dessas propriedades o autor deixa claro que sua família não era rica e o pai conseguia sustentar a numerosa família com certa modéstia. Nos últimos anos em que residiu no município, antes de se mudar para Belo Horizonte, trabalhou como caixeiro na casa comercial de propriedade do seu pai. Trabalhou também como aprendiz de farmacêutico na farmácia de um irmão, e foi auxiliar de outro nos Correios. Por um breve período chegou também a residir na fazenda Porteirinha, de propriedade da família, local onde exerceu afazeres ligados ao ambiente rural.

Esse período marcou profundamente as suas memórias e mesmo considerando seu trabalho na fazenda ou como caixeiro, não deixou de registrar argutas observações sobre Montes Claros que, naquela época, experimentava importantes mudanças que lentamente iam transformando a paisagem urbana. Em algumas passagens do seu *Explorações no tempo*, o escritor não esconde a sua insatisfação e o seu desconforto com seu trabalho na fazenda e até no comércio⁵.

Entretanto, o trabalho literário de natureza memorialística do escritor não se limitou às referências acerca das transformações vivenciadas pelo povo de “Santana do Rio Verde”. Sua literatura também constitui um produto cultural e histórico que foi capaz de transpor para a ficção de natureza memorialística aspectos da complexidade da sociedade de sua época.

Na parte inicial do seu *Explorações no tempo* o autor nos mostra como a população da cidade acompanhava o desenrolar dos eventos transcorridos na Europa e que fizeram parte do contexto da Primeira Grande Guerra Mundial (1914 – 1918). Trata-se de uma boa quantidade de comentários e referências sobre o conflito que marcou a sua infância. Durante o período em que se travou a guerra o vocábulo front definitivamente entra nas conversas do povo de Santana.

⁵ Ver, por exemplo, o capítulo 42 do livro no qual o autor alude à sua “pouca inclinação para os serviços da roça”. Nesse mesmo capítulo, ele também comenta, em relação à loja, que “não morria de amores por ela”, embora preferisse o comércio à lida na fazenda.

Os amigos do pai vinham diariamente comentar as batalhas, estratégias dos generais e outros fatos relacionados à guerra – no chamado círculo da porta da loja, que se formava no início da noite, os principais amigos do pai se reuniam para discutir e conversar sobre as estratégias dos exércitos. Nomes de generais, como Jofre e Von Moltke, além de batalhas, como a do Marne, foram referenciadas na obra memorialística. Em meio a esse grupo predominava a simpatia pela aliança de nações capitaneada pela França. Esses francófilos acompanhavam as principais notícias do front através dos jornais que chegavam da capital pelo correio. O escritor deixa claro que “Santana do Rio Verde” era “toda francófila, toda aliados”⁶ – até mesmo uma passeata em solidariedade à França, quando da invasão pelas tropas do Kaiser foi destacada pelo autor.

Existiam também alguns poucos que eram simpatizantes do lado da Alemanha. Esses germanófilos também participavam das conversas à porta do estabelecimento do pai. Francófilos e germanófilos acompanhavam com muito interesse as principais notícias do front e se envolviam em intermináveis debates acerca de vários dos eventos inscritos no contexto da Primeira Grande Guerra Mundial, em sua maioria, na companhia do pai do escritor.

Como adolescente que era, Cyro dos Anjos não deixava escapar essas ocasiões para assistir os mais velhos na companhia de outros meninos – irmãos ou apenas amigos. Nesse clima, o autor entrou em contato com o universo bélico do violento conflito. Por ocasião do final da Grande Guerra em 1918, foguetórios, discursos e passeatas tomaram conta da cidade, na esteira das comemorações pela vitória da Entente. No ano anterior, o Brasil havia entrado na guerra rompendo com a Alemanha, e a população da cidade tinha saído as ruas da cidade em passeata aprovando a iniciativa.

No final de 1918, ainda no calor das comemorações e negociações que puseram término ao conflito, “A cidade de Montes Claros conheceu o impacto avassalador da grande epidemia de gripe espanhola que assolou a humanidade [...] matando milhões de pessoas espalhadas por dezenas de nações distribuídas praticamente em todos os continentes” (PORTO, 2016, p. 33). Essa epidemia em poucos meses de disseminação ceifou mais vidas do que o conflito mundial que teve duração de cerca de cinco anos.

⁶ Aqui vale dizer que a memória do autor parece ter confundido as duas grandes guerras mundiais. A palavra “aliados” usualmente está relacionada com o grupo de nações formado pelos EUA, França, Inglaterra, depois a União Soviética, que lutaram contra a Alemanha nazista no contexto da Segunda Grande Guerra Mundial, entre 1939 e 1945. Mais apropriado seria usar a palavra “entente” aplicada para denominar a aliança entre a França, Rússia e Inglaterra que lutaram contra a Alemanha e seus aliados na Primeira Grande Guerra Mundial, entre 1914 e 1918.

Em Montes Claros e arredores, em poucas semanas pouco mais de 100 pessoas morreram em função dessa terrível doença. Falando acerca disso em “Santana do Rio Verde”, o autor recapitula que “Essa famosa gripe de 1918 levou toda a minha família para cama, e só eu e meu pai ficamos de pé” (ANJOS, 1963, p. 150). Apesar de o número de óbitos na cidade não ter passado de algumas dezenas – em Montes Claros morreram 56 pessoas –, sabemos que centenas de pessoas foram infectadas e depois se recuperaram (PORTO, 2016).

Na próxima seção veremos que a Montes Claros que se apresentava na obra do escritor, sob as cores da cidade de “Santana do Rio Verde” e cuja população aguardava ansiosamente a chegada do progresso, especialmente sob a forma da ferrovia, era, ao mesmo tempo, uma comunidade marcada por uma política dividida e tradicional. Essa dimensão da cultura política municipal marcou a infância e boa parte da adolescência do autor, sendo bastante explorada nessa obra. Uma grande quantidade de comentários acerca do universo político local impregnou essa produção memorialística.

3 A CIDADE DIVIDIDA E A ÂNSIA PELO PROGRESSO

De fato, a cidade respirava ares de progresso e sua população aguardava ansiosamente pela chegada da locomotiva, mas, por outro lado, Montes Claros continuava marcada por uma política tradicional, pautada no fenômeno do coronelismo e da cultura do mando privado⁷. O município possuía dois agrupamentos de famílias, parentelas - para usar a expressão de Maria Isaura Pereira - que disputavam o controle político local. A família do escritor fazia parte de uma das parentelas, capitaneada pelo deputado federal Dr. Honorato Alves. Do outro lado, a família Prates era o núcleo da parentela liderada pelo deputado Camilo Prates. Esses dois grupos, conhecidos pelos seus apelidos “pelados” e “estrepes”, dividiam a cidade por áreas de influência. Os “pelados” compunham o também chamado “Partido de Cima” e os “estrepes”, o “Partido de baixo”. Cada um deles tinha uma banda de música e, em épocas de eleição, um jornal. Também tinha seus pistoleiros em meio aos correligionários. Ao longo de seu texto, Cyro dos Anjos faz referência à violência política, especialmente em 1918, quando após o pleito eleitoral irrompeu um tiroteio que deixou algumas vítimas fatais.

⁷ Acerca da política coronelista em Montes Claros, ao longo da Primeira República, ver: PORTO, César Henrique de. **Paternalismo, poder privado e violência: O campo político norte-mineiro durante a Primeira República**. Montes Claros, MG: UNIMONTES, 2007.

A população da cidade possuía uma tradição de fazer passeatas para comemorar determinados eventos e datas festivas. Foi assim por ocasião da comemoração do final da Primeira Grande Guerra, conforme já destacado. Nessas memórias, o autor também recapitulou o já citado tiroteio de 1918, famoso pela violência e intensidade. Na ocasião, os adeptos do deputado federal Honorato Alves celebravam sua vitória eleitoral em uma passeata em frente à casa do chefe rival, tendo sido recebidos a bala.

Não faltou nem a menção ao caso da “dualidade de câmaras” em 1915, ano em que os dois partidos se arrogaram vitoriosos no pleito municipal e cada um formou a sua própria câmara funcionando em locais diferentes na cidade (PORTO, 2007). Para solucionar esse problema o governo estadual patrocinou um “acordo” entre os dois partidos em 1916, dividindo as vagas para vereador na câmara municipal. Esse acordo ilustra muito bem o teor coronelista⁸ da política de Montes Claros. No início da década de 1920 outro acordo patrocinado pelo governo estadual vai levar a conciliação entre as duas facções locais do Partido Republicano Mineiro, sendo o pai do escritor Cyro dos Anjos, o coronel Antônio dos Anjos, o nome escolhido em função do seu perfil conciliador: “Por algum tempo meu pai se manteria na crista da onda, eleito que foi, como candidato de conciliação, para presidência da câmara” (ANJOS, 1963, p. 220).

Conforme viemos destacando, boa parte do conteúdo dessa obra tem como estrutura narrativa o trabalho de memória que recapitula momentos importantes da vida do escritor naquele período. Ao longo das várias passagens de seu livro, Cyro dos Anjos relembra um componente essencial da cultura política local da época. Com efeito, a violência política fazia parte dessa tradição, marcada por constantes provocações e tiroteios entre as duas facções.

Tudo indica que o autor, através de seu texto, galvaniza o sentimento predominante no seio das elites locais, cansada dos excessos da política mandonista e preocupada com a imagem negativa à qual a cidade estava sendo associada. Com o acordo que conciliou as duas facções era urgente que a política local entrasse em sintonia com a imagem do progresso e do mundo moderno, afinal, Montes Claros começava a trilhar os caminhos do desenvolvimento e da modernidade tecnológica.

Então, por volta do início da década de 1920, a região de Montes Claros vivia a expectativa do progresso, apesar de conviver com vários problemas e dificuldades típicas de inúmeras cidades pequenas espalhadas pelo interior do Brasil. O autor, em seu

⁸ Sobre os acordos no contexto do coronelismo, ver: LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**, p. 48.

Explorações no Tempo, nos traz a informação de que um dos maiores problemas vivenciados pelos montes-clarenses no início do século XX eram as questões relacionadas ao precário abastecimento de água. Fato que tendia a piorar com o crescimento urbano. Seu texto também nos informa acerca da grande quantidade de mendigos que perambulavam nas proximidades do Mercado Municipal⁹ pedindo esmolas, o que atesta a existência de muita gente pobre vivendo na pequena cidade.

Contudo, talvez as maiores dificuldades enfrentadas pelos seus moradores da cidade estejam relacionadas à questão de transporte para a capital do Estado. Além da considerável distância, as estradas eram de péssima qualidade. Por outro lado, a ferrovia era o grande sonho da elite local. Além de resolver o problema do transporte “encurtando” as distâncias, era uma grande expressão do imaginário do mundo tecnológico e moderno, representação central do progresso naquele período (HOBSBAWM, 2017).

Cyro nos revela que Montes Claros àquela época tinha cinco estradas (saídas). A mais importante era a estrada de Várzea da Palma, que permitiria ao viajante alcançar a Estrada de Ferro Central do Brasil. O problema é que, para cumprir tal itinerário, gastava-se de quatro a cinco dias de viagem em lombo de cavalo. Quando tinha pouco mais de dez anos de idade, o escritor em pessoa conheceu o itinerário em uma viagem para Várzea da Palma para embarcar no trem de ferro com destino a Belo Horizonte. Relata ele que a “viagem de Várzea da Palma subsiste, até hoje como a mais fecunda de minhas experiências geográficas” (ANJOS, 1963, p. 134).

Felizmente para Montes Claros e sua população os “caminhos de ferro” já se aproximavam. No início da década de 1920 a chegada da ferrovia se tornava o assunto mais comentado na imprensa local. Finalmente o sonho de ver a cidade ligada pelo transporte ferroviário estava próximo de se tornar realidade. A população do município manifestava grande expectativa no advento da ferrovia. Particularmente ansiosos estavam os pecuaristas da região¹⁰, que esperavam poder exportar diretamente o gado para os grandes centros urbanos como Belo Horizonte e Rio de Janeiro, então capital federal. Cyro dos Anjos,

⁹ O mercado municipal, construído no final do século na “parte de cima” da cidade, área onde se concentrava boa parte do movimento e das novas construções que estavam mudando lentamente a fisionomia urbana de Montes Claros.

¹⁰ Desde suas origens a cidade de Montes Claros tinha na pecuária extensiva o carro chefe de sua economia.

na citada obra, comenta em várias passagens acerca dessa perspectiva da chegada dos trilhos ao município¹¹.

A expectativa por novidades em “Santana do Rio Verde”, como é chamada Montes Claros em suas memórias, não se limitou ao transporte ferroviário. A cidade vivia impregnada pelo desejo do progresso, à medida que passava por algumas transformações. No mesmo período, os primeiros automóveis começaram a circular nas principais vias urbanas – inclusive uma motocicleta; além disso, o autor rememora que desde 1917 havia chegado a luz elétrica¹². Poucos anos depois, um coreto foi construído no largo de baixo: “Novidade grande, que trazia outra ainda maior no seu bojo: seriam subterrâneos os fios que levariam a luz elétrica ao coreto” (ANJOS, 1963, p. 182).

Conforme temos demonstrado, em boa parte de seu livro de memórias a ânsia da população pela chegada de novidades do mundo moderno e do progresso são elementos constantes. Contudo, em dois capítulos o autor deixa ainda mais evidente essa ansiedade. O capítulo 16 já no título deixa transparecer essa expectativa, pois se intitula *Nova Idade se Inaugura*, e nele é descrita a substituição de velhas casas por edifícios novos que iam mudando a fisionomia urbana da cidade à medida que os trilhos da ferrovia se aproximavam¹³.

No capítulo 41, mais ao final do livro, Cyro dos Anjos deixa entrever parte do imaginário social da cidade, pois “tal frenesi se apoderava do povo” na medida em que o sonho coletivo pela chegada do transporte ferroviário se materializava: “aconteceu que a cidade, por essa época, conhecesse dias febricitantes que lhe iam rapidamente modificando a fisionomia” (ANJOS, 1979, p. 156). Essa e outras novidades eram recebidas de forma entusiástica pela população que se postava “em ritmo febril”, contagiada pela expectativa que o progresso possibilitava.

A cidade e a sua população alvoroçada respiravam ares de mudanças. Essas representações evocavam o desejo das elites dirigentes do município da construção de uma nova imagem, comprometida com o progresso e o mundo moderno, urbano, bem diferente da imagem relacionada ao mandonismo e à violência do coronelismo.

¹¹ Ver: **Explorações no Tempo**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, páginas: 79, 181, 184 e 219.

¹² Por volta de 1920, Montes Claros já contava também com outras novidades da tecnologia, como cinema e telégrafo.

¹³ “Tal paisagem desapareceu com a nova idade, aos rebates longínquos da estrada de ferro, cuja construção marchava lentamente rumo a Santana” (ANJOS, 1963, p. 78).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme destacamos nas páginas anteriores, o texto memorialístico do famoso escritor montes-clarense Cyro dos Anjos traz importante contribuição para o entendimento do cotidiano da cidade no período pesquisado. Como foi evidenciado, no seu livro *Explorações no Tempo* o autor revela um imaginário carregado de representações que traduzem sentimentos, desejos, expectativas e outros valores ligados à coletividade. Além disso, trata-se de um importante registro de informações sobre a cidade de Montes Claros no início do século XX.

Portanto, o historiador deve considerar a literatura, pois ela está enraizada na sociedade, sendo um importante eixo de acesso à compreensão de uma época e de uma cultura. O texto de Cyro dos Anjos, enquanto relato memorialístico, levou representações sociais relacionadas a importantes eventos como a Primeira Grande Guerra Mundial e a gripe espanhola de 1918.

Sua literatura retratou cenas interessantes de sua vida na cidade de Montes Claros, entre os anos de 1910 e 1923. Novas construções, mais sintonizadas com o mundo urbano, a chegada dos primeiros veículos e o advento da luz elétrica traziam a modernidade para a cidade. Acima de tudo, a aproximação dos trabalhos da Central do Brasil com a chegada da ferrovia foram memórias amplamente destacadas com uma boa riqueza de dados e informações.

O autor também nos ofereceu um retrato contextualizado da política local do início do século XX, marcada pelo mandonismo, pelos tiroteios e pela divisão do campo político entre as duas parentelas e suas famílias aliadas. Logo, a cidade que transpirava ares de mudanças, procurava se equilibrar entre a violência e o acordo político, cuja expectativa era de colocar um ponto final nas discórdias, a fim de preparar a cidade para a chegada da tão sonhada ferrovia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de; ANJOS, Cyros dos. **Cyro e Drummond**: correspondência de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade. Organização, prefácio e notas de Wander Melo Miranda e Roberto Said, São Paulo: Globo, 2012.

ANJOS, Cyro dos. **A menina do Sobrado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

ANJOS, Cyro dos. **Explorações no tempo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. **Enciclopédia Einaudi**. Coleção Antrophos-Homem. Lisboa: Casa da Moeda, 1985.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios – 1875-1914**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. Rio de Janeiro: Alfa Ômega, 1998.

PORTO, César Henrique de. **Paternalismo, poder privado e violência: O campo político norte-mineiro durante a Primeira República**. Montes Claros, MG: Unimontes, 2007.

PORTO, César Henrique de. Gripe Espanhola e a imprensa escrita de Montes Claros em 1918. IN: RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral (Org). **A História na Imprensa, a Imprensa na História**. Jundiaí (SP): Paco, 2016.

QUEIROZ, Maria Isaura Ferreira de. **O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Alfa Ômega, 1976.

SILVA, Fernanda Martins da. Pensando a tênue fronteira entre a História e Literatura a partir da obra do poeta Manoel de Barros. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Anpuh, 2011, p. 1-11, São Paulo. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1301010704_ARQUIVO_anaisanpuh2011sp.pdf. Acesso em: 1 jun. 2021.

SILVA, Helenice R. **Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas**. Campinas: Papyrus, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org). **Por uma História Política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

WIRTH, JOHN D. O Fiel da balança: Minas Gerais na Federação Brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

(Recebido em junho de 2022; aceito em julho de 2022)